

OS DEMÔNIOS DE LOUDUN:
A OBRA DE ALDOUS HUXLEY E SUA HISTORICIDADE

SILVA, Júlio César Alves da – UFPB*

SILVA, Clécio Francisco de Albuquerque - UFPB[†]

Resumo:

Ao refletirmos a produção historiográfica, tendo como fundamentação primordial o foco interdisciplinar e a temporalidade na escrita da História; direcionamos nossa análise a terceira década do século XVII ao observarmos o evidente conflito entre razão e fé, o infinito embate entre Deus e o Diabo no imaginário dos indivíduos dessa época; assim percebemos nesse imaginário moderno uma Europa ambígua, onde a figura do Demônio como agente norteador dos homens, é uma realidade tão inquestionável quanto a figura de Deus. É sobre este contexto de disputa entre razão e fé, entre Deus e o Diabo que apresentaremos a obra literária do escritor inglês Aldous Huxley, *Os Demônios de Loudun*. Além de extrair na obra elementos presentes no imaginário da época como: O Medo, O Fenômeno da Possessão entre outros; pretendemos ainda refletir a possível relação teórica e metodológica da História com outros campos do saber, entre eles a Literatura.

Palavras chave: Cultura, História, Literatura.

* Júlio César Alves da Silva é graduando em História pela Universidade Federal da Paraíba e atualmente é Monitor Bolsista da disciplina de Teoria da História I pelo Departamento de História da UFPB, o e-mail para contato é julio_alves2007@yahoo.com.br.

[†] Clécio Francisco de Albuquerque Silva possui Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba o e-mail para contato é clecio.albuquerque@yahoo.com.br.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade apresentar um breve dialogo interdisciplinar entre a História e a Literatura. Esse desafio teorico-metodologico tem ainda como pretensão de transitar em outras áreas do conhecimento como: A Filosofia, a Antropologia e a Psicologia; com isso pretendemos questionar um posicionamento interpretativo *do discurso histórico* na Literatura, fundamentado na análise discursiva foucaultiana.

Nosso corte histórico-temporal está na terceira década do século XVII, mas especificamente entre 1632 a 1634, que é o ano do caso Loudun, uma pacata cidade da França, a qual o literário inglês Aldous Huxley escreveu a obra *Os demônios de Loudun* - livro esse que fala sobre alguns casos de possessão num convento; sobre o caso vários historiadores já escreveram, entre eles o francês Jules Michelet na sua obra *A Feiticeira* e outro foi Robert Mandru na sua obra clássica sobre a historia das mentalidades que é o livro: *Magistrados e Feiticeiros na França do Século XVII*.

Sem duvida é um desafio, tratar de questionamentos histórico-temporais tão complexos; contudo devemos atentar para algumas importantes questões nesse ínterim de dificuldades. Primeiro a possibilidade de reconstrução das mentalidades deste século XVII como salienta Jean Delumeua em algumas de suas obras entre elas *A confissão e o perdão*, *História do Medo no Ocidente e O Pecado e o Medo: A Culpabilização no Ocidente (séculos XIII-XVIII)*.

A segunda questão desta proposição é perceber a análise interpretativa do discurso segundo Michel Foucault na obra de Aldous Huxley – surgindo assim uma terceira questão, que é questionar o que Foucault chama de discurso de poder em alguns elementos históricos como, *a possessão demoníaca, o fenômeno do medo*, elementos estes visualizados nos personagens da obra de Huxley – condições mentais estas percebidas ao longo dos vários estudos sobre esta Europa do século XVII, que vivenciava ate então esse paradigma entre fé e razão, entre Deus e o Diabo.

Não temos a intenção de julgar o período histórico-temporal em foco, muito menos usar o viés literário como ponte para uma *história verdade*, da mesma forma não é a nossa fundamentação, reduzir o conhecimento histórico ao estudo interpretativo da Literatura. Pelo contrário, pretendemos fazer deste breve artigo mas uma ponte interdisciplinar entre as ciências humanas; assim podemos desde já visualizar que a História não é um conhecimento fixo e linear, muito menos um historia engessada a estruturas e ideologias entretanto

percebemos que o discurso histórico é movido por intencionalidades histórico-discursivas como salienta Michel Foucault.

O Imaginário do Medo no Século XVII.

Diante dessa complexa missão, tentamos fazer o que *Michel de Certeau* nos aconselhou quando comentou em sua obra, *A Escrita da História*, acerca da obra de teor historiográfico *Uma Neurose Demoníaca no Século XVII*, de Sigmund Freud. Ele fez um profundo comentário acerca do posicionamento de Freud acerca de um documento da época – o *manuscrito* do pintor *Mariazel* – Certeau fala da *operação científica* perante o documento:

A interpretação parte hipocraticamente “daquilo que se pode encontrar por toda a parte” nos diz Freud, mas faz que, no presente e no cotidiano, confessem “as conclusões mas estranhas”(GW.328).A História é uma forma desta “estranheza”.Não é um dado imediato nem tam pouco um *a priori*.É o produto de um ato científico.Resulta aqui a Psicanálise.Como?Referindo-se ao caso de Haitzman, Freud vai mostrá-lo pela *Aufklärung* ou elucidação (é a palavra do texto: *aufklaren*;GW.329).Que nos baste adiantar o propósito geral dela:como toda parte, esta análise faz de relações entre palavras vestígios de relações entre tempos.Através de um trabalho sobre o texto, ela transforma a superfície, que articulam as palavras em função de coisas apagadas ou perdidas, e que fazem do texto o signo de eventos passados.(CERTEAU, 2002, p.285).

Diante desse imaginário, quando observamos este processo de construção e (des) construção das estruturas históricas, analisamos desde já que a subjetividade que circunda neste imaginário do medo tem uma importância imensurável para este período histórico. O medo está incondicionalmente presente nesta realidade européia do século XVII, porém este elemento subjetivo não é fruto de meras especificidades ou/das transformações sócio-econômicas, percebemos ainda que o fenômeno do medo não segue uma linearidade histórica. Logo observamos que este período trás consigo uma gama de periodizações e discursos históricos que foram e que estão agora novamente presentes diante das inúmeras relações socio-culturais deste século XVII.

O Medo pode, com efeito, tornar-se causa da involução dos indivíduos, e Marc Oraison observa esse respeito – Voltarei a esse tema em um segundo volume – que a regressão para o medo é o perigo que espreita constantemente o sentimento religioso. Mas geralmente, quem quer que seja presa do medo corre o risco de desagregar-se. Sua personalidade se fende, A impressão de reconforto dada pela adesão do mundo desaparece; O que se torna separado do outro se torna estranho. O tempo para, o espaço encolhe. (DELUMEAU, 1989, p. 21).

É com base nesse imaginário do medo que percebemos no discurso de Jean Delumeau, que este ser humano, vivia perturbado consigo mesmo, um indivíduo segundo estudiosos da época, que tem como maior inimigo ele próprio. Em pleno século XVII, apesar das inúmeras transformações econômicas, científicas e culturais que aconteceram neste período, é extremamente ambígua a vida deste indivíduo, que vivencia constantemente o paradoxo entre a fé e a razão, entre Deus e o Diabo:

O que é o homem por si próprio e abstração feita da graça? É um ser pior que o demônio; Porque o demônio é o espírito sem corpo e o homem sem a graça é um demônio revestido de corpo. Parecia-me que se Deus me retirasse sua graça, eu seria capaz de todos os crimes que o demônio comete; então eu me julgava pior do que ele e mais detestável é nesse momento eu me vi um demônio encarnado. Ainda neste momento isso me parece tão verdadeiro que se todos os anjos viessem me dizer que existe em mim algo de bom eu não poderia ser levado a acreditar, porque percebo claramente que todo bem reside só em Deus e que em mim só existe vício. (DELUMEAU, 2003, p. 11).

Observamos que o medo está intrínseco a este período, ao estado psicológico do homem deste século XVII, que caminhará entre o discurso do “*progresso*” e o discurso medonho do apocalipse. Desta forma, motivações ímpares surgiram no íntimo deste indivíduo. É um estado psíquico, onde a percepção do medo, às vezes motivará este a fazer algo e ao mesmo tempo a o não fazer.

Percebemos dessa forma que o discurso do medo é um dos importantes elementos, que fundamentam, por exemplo, a interpretação de Aldous Huxley acerca do comportamento religioso/perverso do pároco *Urbain Grandier* na obra *Os Demônios de Loudun*.

Assim observamos na obra literária de Huxley que o imaginário do medo reflete um pouco do íntimo deste indivíduo do século XVII. Com isso partiremos para outras questões, por exemplo, onde se projeta este medo no âmbito institucional. A existência de vários elementos condutores a este medo é muito clara neste mundo mapeado entre a fé e a razão. Elementos como a possessão demoníaca, por exemplo, serão fundamentais para a (re)construção deste período histórico.

O FENÔMENO DA POSSESSÃO

Nosso intuito é analisar o fenômeno da possessão, como um dos elementos fundamentais na obra *Os Demônios de Loudun*, do literário Aldous Huxley. De forma genérica, entendemos o fenômeno da possessão como um estado ou condição em que o corpo e/ou a mente de um indivíduo são/ou é supostamente possuído(s), dominado(s) ou incorporado(s) por uma entidade (um ser, força, ou divindade).

Em suma, a possessão é considerada como uma experiência de natureza espiritual no âmbito teológico/religioso, e/ou psicológica no campo da Psicanálise, principalmente nos estudos freudianos – a possessão pode atuar de forma individual ou coletivamente, como foi constatada através das freiras ursulinas e da madre superiora Joana dos Anjos no convento de *Loudun* na França.

Geralmente se tem um caráter inesperado da possessão, o demônio não avisa quando se manifesta. Logo, a possessão está submetida a um algum tipo de controle ritual, como pode ser observado através dos atos demoníacos/ou psicossomáticos das freiras no convento e nas ruas de Loudun – onde o pároco *Urbain Grandier*, um pároco secular que presidia em Loudun, passa de clérigo a feiticeiro no seio da obra literária. Portanto este será o canal do demônio como uma espécie de agente controlador dos demônios no corpo das freiras.

Observamos, dessa forma, que em diversas sociedades e culturas, a figura representativa da possessão tem em foco um episódio ou experiência, isto é perceptível na condição institucional de vários clãs religiosos. Outra questão a qual atentamos é observar que o termo “possessão” difere na semântica e no vernáculo da Língua Portuguesa do termo “posse”, que se direciona na condição de possuir algo em determinado espaço geográfico, não é este o caso. Assim, o termo possessão, sobre o qual mencionamos, tem como diretriz clara e específica, a ótica da demonologia:

Possessão Demoníaca – É o Fenômeno no qual um demônio prevalece sobre a mente e/ou o corpo de um animal ou de um ser humano, a fim de exercer controle total ou parcial. A possessão demoníaca é descrita na Bíblia, e vários casos foram relatados através dos séculos. Nos tempos modernos, muitos registros de possessão demoníaca são diagnosticados como distúrbios mentais e tratados como o tal. (MATHER, 2000, p.365)

Diante de tal percepção, o fenômeno da possessão estará relacionado com o mal, através de um agente maligno de ordem espiritual, este codificado na figura do diabo e/ou seus seguidores. Tal percepção está fortemente presente na consciência de vários indivíduos ao longo desse século XVII. Observamos que isto está presente de forma incondicional numa sociedade de formação cristã em maior parte nas suas mais diversificadas singularidades, rituais e representações.

É importante observar que a possessão estará no interior psíquico deste fiel religioso, onde o (re)nascimento de tal fenômeno estará no cerne nas camadas médias da sociedade. O que é relatado no convento das irmãs ursulinas, é um reflexo do que foi a (re)construção representativa e institucional do discurso da possessão. Mesmo ela sendo um distúrbio psiquiátrico para Freud no século XIX, ela será neste momento histórico, um mecanismo de controle visualizado na ótica foucaultiana.

Diante de tal percepção, visualizamos que tal questão tem duas direções, uma diretamente ligada ao campo da demonologia; e o outro no campo da psiquiatria freudiana, logo Freud analisou o fenômeno da como uma condição diretamente ligada aos estados neuróticos íntimos e particulares de cada indivíduo:

A teoria demonológica daquelas épocas sombrias levou a melhor, ao final, sobre todas as visões somáticas do período da ciência “exata”. Os estados de possessão correspondem às nossas neuroses, para cuja explicação mais uma vez recorreremos aos poderes psíquicos. A nossos olhos, os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instituídos que foram repudiados e reprimidos. Nós simplesmente eliminamos a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo, projeção esta que a idade média fazia; Em vez disso, encaramo-las como tendo surgido na vida interna do paciente, onde têm sua morada. (FREUD, 1976, p.15-16)

Ao longo dos estados possessivos na obra de Huxley, percebemos o potencial discurso da figura representativa do demônio o que *Freud* vai chamar de distúrbio psicológico em pleno século XIX. Contudo, o fenômeno da possessão ou disfunção cerebral, como é chamado no campo da Psicanálise, é um fenômeno que já tinha sido percebido a muito tempo, contudo ainda não aprofundado:

Por volta de 400 a.C. Hipócrates, o chamado “Pai da Medicina”, afirmou que a causa da epilepsia não estava em espíritos malignos, mas sim no cérebro, tentando desfazer mitos sobrenaturais. (SILVA, 2004, p.2).

É justamente através desta representação da possessão que Foucault vai atentar para uma espécie de mecanismo de auto controle, que será (re) inscrito pelas instituições religiosas

da época; dessa forma será condicionado ocultamente, os fiéis religiosos à uma certa obediência. Esse mecanismo renasce como uma espécie de “controle oculto” destes indivíduos. É um controle subjetivo, com base nos discursos doutrinários da igreja, tendo como uma das representações deste momento o fenômeno da possessão:

No topo, o aparelho de direção e consciência faz surgir, portanto, essas formas de misticismo de que acabo de lhes falar. É na base, faz surgir outro fenômeno, que está ligado ao primeiro, que corresponde a ele, que encontra nele toda uma série de mecanismos de apoio, mas que vai acabar tendo outro destino: Esse é o fenômeno da possessão. Creio que a possessão, como fenômeno típico dessa instauração de um novo aparelho de controle na Igreja, deve ser confrontada com a feiticeira, que se distingue radicalmente. Claro, a feiticeira dos séculos XV e XVI e a possessão dos séculos XVI e XVII aparecem numa espécie de continuidade histórica. (FOUCAULT, 2002, p.258/259.).

Considerações finais

O papel do presente artigo teve como função analisar a obra literária *Os Demônios de Loudun*, do literário inglês Aldous Huxley. Onde procuramos perceber *os diversos discursos* ao longo do desenvolvimento fictício literário da obra. Elementos histórico-culturais contidos na obra de Huxley, onde tentamos fundamentar este intercâmbio interdisciplinar entre a História e a Literatura, como um possível viés teórico-metodológico para a produção historiográfica.

Cientes da problemática teórico-metodológica, tentamos fundamentar alguns elementos característicos deste século XVII, onde está centrada temporal e historicamente a obra de Huxley, elementos como: o imaginário do medo, o fenômeno da possessão e o cotidiano social-cultural entre fé e razão que envolvia estes indivíduos nesta Europa do século XVII. Foram estes os elementos, dentre outros, que procuramos fundamentar nesta possível (re) construção do imaginário histórico-discursivo desta Europa do século XVII.

Importantes observações são fundamentais para a construção deste caminho viável, no que diz respeito à produção historiográfica: a inter-relação com outros campos do conhecimento, como a Psicologia, Psiquiatria, e Teologia foram fundamentais; compreendemos ainda tal análise como um instigante e ousado trabalho; entretanto, percebemos que isso é apenas um pouco do que pode vir, com outros pesquisadores.

Ao observar esta tentativa teórica e metodológica, de refletir a produção historiográfica e a ampliação do ensino de História, pensamos acerca dessa tentativa de união e ao mesmo tempo de distinção entre conhecimento histórico e o literário. Pudemos constatar, ao longo de nossa produção, algumas questões importantes que achamos fundamental expô-las neste momento.

A primeira questão é que a proposta é desafiadora, tal qual foi a nossa neste breve artigo, pois extrair elementos históricos de uma obra literária e analisar o discurso, destas representações, requer um esforço imensurável, sem contar que as leituras, e os conceitos elementares extraídos da obra, podem abrir a cada reflexão um imenso leque de questões ao longo da leitura e produção textual.

É neste ponto que pretendemos analisar um dos problemas encontrados para a realização deste trabalho. A questão muitas vezes difícil de ser estruturada foi: quais elementos extrair da obra de Huxley? Assim procuramos conceituar e depois analisar o imaginário do medo, a possessão e esta Europa do Século XVII com a sua complexa relação entre a fé e a razão; entretanto, outros elementos poderiam ser extraídos da obra.

Por fim, não podemos deixar de conceituar que a História tem essa função – “*estruturar*” o dito antes, e a sua volta em meio à “novas” inter-relações, transformações,

construções e (des) construções conceituais; por fim a História não é um conhecimento engessado, ela faz parte do motor discursivo particular de cada indivíduo em seu espaço.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BARROS, José D'Assunção. **Os usos da temporalidade na escrita na história**. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum13_art11_barros.pdf Acesso em: 06 ago. 2007.

BARROS, Sulivam Charles. **Brasil imaginário: Umbanda, poder. Marginalidade social e Possessão**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v19n2/v19n2a18.pdf>. Acesso em: 06 de julho 2007.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPOS, Vanuza Monteiro. **O “demoníaco” na histeria**. Disponível em: [http://www.unicap.br/pathos/VI congresso/anais](http://www.unicap.br/pathos/VI%20congresso/anais). Acesso em: 01 ago. 2007.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DELUMEAU, Jean. **Historia do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O pecado e o medo: A culpabilização no Ocidente nos séculos XII-XVIII**. São Paulo: Edusc, 2003.

_____. **Razões da minha fé**. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. **A confissão e o perdão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. **O Surgimento da psicologia e da psicanálise nos textos de genealogia foucaultiana.**

Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/ferreira03.pdf>. Acesso em: 10 set. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso do collège de France (1974-1975).** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2006.

FREUD, Sigmund. **Uma neurose demoníaca no século XVII.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HUXLEY, Aldous. **Os demônios de Loudun.** Rio de Janeiro: Globo, 1987.

LAPLATINE, F; TRINDADE, Liane. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

LEWIS, Ioan M. **Êxtase religioso.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

MANDRU, Robert. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

MARIANI, Bethânia (Org) **.A Escrita e o Escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise.** São Carlos: Claraluz, 2006.

MATHER, George A; NICHOLS, Larry A. **Dicionário de religiões, crenças e ocultismo.** São Paulo: Vida, 2000.

MICHELET, Jules. **A feiticeira.** São Paulo: Circulo do livro, 1989.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão.** São Paulo: Ática, 1986.

PIMENTEL, José Ernesto Filho; VASCONCELOS, Edsom. **Foucault: da microfísica a biopolítica.**

Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/09.pdf>>. Acesso: 11 maio 2007.

SALLMAN, Jean Michel. **As bruxas noivas de Satã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SILVA, Alexandre Valotta; CAVALHEIRO, Esper Abrão. **Epilepsia**: uma janela para o cérebro. Disponível em < http://www.multiciencia.unicamp.br/art05_3.htm>. Acesso em: 08 nov. 2007.

SOUZA, Laura de Melo. **A feitiçaria na Europa moderna**. São Paulo: Ática, 1987.

THOMAS, Keith. **Religião e declínio da magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

XIMENES, Sérgio. **Dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas**: figuras de poder. Disponível em: <<http://www.redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38113206.pdf>>. Acesso: 19 dez. 2007.